

V de Versões na revista *sãopaulo*: o posicionamento jornalístico sobre manifestações de rua

pg 172 - 184

Luana Vitoriano Gonçalves¹

Flávia Cristina Silva Barbosa²

Tácia Rocha³

Resumo

Neste trabalho discute-se, pela Análise de Discurso francesa pecheutiana, que *versões* sobre manifestações de rua a *Folha de S. Paulo* (in)visibiliza na Revista **sãopaulo**, ao retomar as manifestações do passado e compará-las por meio de categorias pré-construídas em um infográfico. De 12 categorias regulares nas manifestações, segundo o discurso da Folha, analisa-se o funcionamento de três delas: *visual* (dos manifestantes), *slogans* (pautas levadas às ruas) e *ferramentas* (meios para realização dos atos), o que gera, como efeito, uma negatização dos movimentos de 2013, na *versão* da revista em relação a essas mobilizações. Os resultados desvelam que na/pela revista **sãopaulo**, há deslize e negatização de sentidos, abrindo margens para outras interpretações dos vários períodos abordados pelo veículo. Ao tentar explorar versões como sendo a “abordagem literal dos fatos”, “a verdade”, a revista instaura sua versão sobre todos esses atos.

Palavras-chave: Manifestações de rua. Revista **sãopaulo**. Análise de Discurso.

V OF VERSIONS IN MAGAZINE SÃOPAULO: THE JOURNALISTIC POSITIONING ON STREET MANIFESTATIONS

Abstract

In this article it is argued, through the French Discourse Analysis of Pechêux's work, that *versions* on manifestations of street, the *Folha de São Paulo* show oof or not in the Magazine **sãopaulo**, when retaking the manifestations of the past and compare them by using pre-built categories in an infographic. Of twelve regular categories in the manifestations, according to speech of the Folha, analyzes the three functioning of them: *appearance* (of the manifestants), *slogans* (guidelines taken to the streets) and *tools* (half for accomplishment of the acts), what it generates, as effect, deny the 2013 movements, in the *version* of the magazine in relation to these mobilizations. The results desvelam that in the /por the Magazine **sãopaulo**, has slip and negatização of directions, opening edges for other interpretations of the some boarded periods for the vehicle. When trying to explore versions as being the “literal boarding of the facts”, “the truth”, the magazine restores its version on all these acts.

Keywords: Manifestations of street. Magazine **sãopaulo**. Discouse Analysis.

1 Mestre e doutoranda em Letras – Estudos Linguísticos – Universidade Estadual de Maringá. E-mail: vitoriano@geduem.com.br

2 Mestre em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Maringá. E-mail: flaviafcsb@gmail.com

3 Mestre e doutoranda em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos. Universidade Estadual de Maringá. E-mail: tacia.rocha.f@gmail.com

Introdução

Em 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) organizou atos contra o aumento da passagem do transporte coletivo, as *Jornadas de Junho*, como ficaram conhecidas. Iniciado nas primeiras semanas de junho, as manifestações do MPL perduraram ao longo do mês, se propagando em vários estados do país. Além da questão do transporte público, “novas” reivindicações foram levadas às ruas, por meio de cartazes como: a Proposta de Emenda Constitucional 37/2011⁴ (PEC 37); os gastos com a Copa; a desvalorização da saúde e da educação, entre outras.

Tais mobilizações se colocaram, tanto para os integrantes quanto para a mídia como apartidárias, pela recusa de bandeiras de partidos resultando no anonimato como uma das marcas registradas de tais atos. Semelhante à outras manifestações internacionais, a máscara do *Senhor V*⁵, personagem da História em Quadrinhos (HQ) e do filme *V de Vingança* (*V for Vendetta*), inspirado em Guy Fawkes⁶, tornou-se símbolo por expressar a negação da “identidade” dos manifestantes, a revolta contra os modelos políticos, além de mobilizações sem um líder específico.

Inspirada nas materialidades artísticas supracitadas – HQ e filme – a *Folha de S. Paulo* publicou, no dia 23 de junho de 2013, a edição da Revista **sãopaulo**⁷ dedicada à cobertura das manifestações de 2013, intitulada *V de Vozes*. Os capítulos desse suplemento funcionam pela paráfrase

4 A PEC 37 propunha poder exclusivo à polícia para promover investigações criminais, tarefa concentrada atualmente sob responsabilidade do Ministério Público.

5 Segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, a máscara começou a ser usada em manifestações de rua em 2008, pelos *Anonymous* e ganhou destaque em 2011 com o movimento *#occuppy*, ambos nos EUA.

6 Guy Fawkes foi preso, torturado e condenado à morte porque era católico na Inglaterra e porque “decidiu liderar uma insurreição popular” (SUPERINTERESSANTE, 2015, online). Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/guy-fawkes-conspirador-ou-heroi>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

7 A Revista **sãopaulo** é uma “complementação” às edições de domingo (FOLHA DE S. PAULO, 2014, online)

à expressão “V de Vingança” e são distribuídos em nove temáticas⁸, de acordo com o enfoque dado aos aspectos recortados das manifestações. Essa peculiaridade das manifestações de 2013 causou alvoroço na mídia conservadora tradicional – índice das mudanças capitalistas da sociedade – e marcou certa ruptura aos moldes tradicionais de mobilizações já ocorridas no país e suas implicações nas demandas/intervenções políticas.

Para este trabalho, mobilizamos apenas uma dessas nove temáticas (ou seções), intitulada “V de Versões” com as “principais características” de cada manifestação. O tópico elenca aspectos que seriam recorrentes em manifestações de rua, de forma a propiciar, em termos de efeito de sentido, uma comparação entre movimentos de diferentes épocas. Portanto, o recorte analítico é composto apenas pelos tópicos *visual* (relativo aos manifestantes), *slogans* (pautas levantadas nos movimentos) e, por fim, *ferramentas* (os meios que possibilitaram tais atos), de um total de 12 desses tópicos que serviriam para “descrever” manifestantes/manifestações de várias épocas.

Norteadas pelo referencial teórico da Análise de Discurso francesa pecheutiana, interessa-nos, pois, investigar, na tênue fronteira entre notícia/informação e interpretação/opinião, que *versões* sobre manifestações de rua a Revista **sãopaulo** (in) visibiliza em “V de Versões”. Para tanto, elegemos o conceito de *versão* abordado por Orlandi (2001) como principal fio condutor para compreender os sentidos a serem ditos e os sentidos a serem silenciados para que a publicação faça funcionar discursos estereotipados sobre manifestações de rua, como se fosse possível traçar um “perfil” de

8 Conforme o índice da revista, as temáticas se dividiram em: *V de Vitória* (imagens da celebração pela baixa da tarifa), *V de Violência* (cenas de violência e pancadaria), *V de Visões* (o que foi dito sobre os protestos na semana), *V de Vingança* (a HQ que inspirou este especial), *V de Versos* (Veja os cartazes que uma gráfica publicou de graça), *V de Vovós* (As senhoras também se manifestaram), *V de Versões* (Desde 1968, o que mudou nos protestos), *V de Vândalos* (uma lição de história antiga), *V de Viral* (Redes sociais são a ferramenta do século).

como se constituiriam esses atos no espaço público, de modo estável, premeditado, fechado à evidência do sentido.

As Versões

O viés discursivo considera a impossibilidade do fechamento da interpretação, pois questiona a suposta transparência da língua e mostra a impossibilidade de se compreender a comunicação como “um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a” (ORLANDI, 2003, p. 21).

Por meio da língua, podemos comunicar ou não comunicar, mesmo sendo o sistema linguístico o mesmo para aqueles que contam ou não com um dado conhecimento (PÊCHEUX, 2009), porque a significação de determinada sentença linguística depende das relações sociais, históricas e, sobretudo, de significação, de interpretação. Essas, por sua vez, são também relações de sentido (ORLANDI, 2001). É ilusão, do ponto de vista discursivo, acreditar na linearidade da comunicação (ORLANDI, 2003).

A produção de sentidos passa pelo linguístico e, ao mesmo tempo, pelo político em um encontro com o simbólico, ou seja, um texto, dentre suas possibilidades de formulação e interpretação, “traz consigo um conjunto de versões possíveis que o rodeiam” (ORLANDI, 2001, p. 142). Em outras palavras, “ao lado de um texto formam-se famílias parafrásticas de tudo o que se poderia dizer. Essa margem em que as versões se gestam são parte do processo de significar” (ORLANDI, 2001, p. 142).

Além do mais, existem sempre outras formas de se dizer, outras *versões* para um mesmo enunciado, o que Orlandi (2001) considera como a impossibilidade de se chegar à unidade. A autora (2001, p. 94) explica que as versões são

uma “condição da formulação”, por isso são intrínsecas à significação textual.

Dessa maneira, a ideia de texto implica, da mesma forma, considerar a “noção de formulação e de versões”, sendo que todo texto é sujeito à “variação do/no dizer” (ORLANDI, 2001, p. 16). Isso porque a língua é falha, característica essa que não significa defeito (ORLANDI, 2003). Pelo contrário, em busca da objetividade, da coesão e da coerência, algumas (ou muitas) lacunas do/no enunciado são preenchidas pelo outro.

Portanto, se depende do outro e, então, a interpretação não pode ser controlada. Ela nos escapa, apontando para outros discursos que, a princípio, seriam não esperados em determinada situação sócio-comunicativa, pois “há diferentes versões de leitura que constituem tantos modos de compreensão distintos” (ORLANDI, 2001, p. 70).

Neste artigo, (re)pensamos as *versões* sobre manifestações de rua colocadas em funcionamento na/pela Revista **sãopaulo**. A fim de caracterizar o texto jornalístico como informativo, “neuro”, o jornal trabalha com a ideia de evidência, o que se identifica com o que Orlandi (2003, p. 45) postula: “a evidência do sentido, que, na realidade é um efeito ideológico, não nos deixa perceber seu caráter material, a historicidade de sua construção”.

Ao mesmo tempo, por mais que o jornal trabalhe no/pelo estabilizado do dizer, ao tentar o fechamento do(s) sentido(s), pela estabilização, o discurso materializado na Revista **sãopaulo** escapa e coloca em funcionamento o confronto das categorias de uma manifestação com as categorias das outras. A suposta aproximação funciona, no conjunto, como uma versão sobre o que foram as manifestações de rua, do passado e do presente. “É, portanto, a (im)possibilidade da eficácia da notícia” (PIMENTEL, 2008, p. 46).

Assim, “[...] a *variação* aponta para a repetição e o novo, o *mesmo* e o diferente, instaurando a evidência

ou abrindo para o questionamento” (PIMENTEL, 2008, p. 46, grifos da autora). Por isso, sempre a leitura e a interpretação estão orientadas por uma textualidade, uma versão, em “meio a outras possíveis” (ORLANDI, 2001, p. 65). O jornal, mais do que recordar os fatos, ele os “filtra” e os ressignifica, a partir de uma ideologia que orienta a produção do discurso a respeito das manifestações de rua, antigas e atuais. Por outro lado, as versões permitem “a configuração da notícia, no sentido da *re*-atualização do acontecimento”, quanto à textualização (PIMENTEL, 2008, p. 46).

Manifestações de rua, entre convergências e divergências

Do ponto de vista da Análise de Discurso, as manifestações de rua nos interessam enquanto mobilizadoras do discurso político. Toda manifestação, direta ou indiretamente, tem repercussão política, se entendermos que as mudanças sociais almejadas pela população manifestante dependem de transformações nas políticas públicas para fins coletivos. Nas manifestações de rua, temos uma discussão deslocada dos postos atuantes no governo para grupos pertencentes ao sujeito social, não legitimado para falar sobre política.

Apesar de serem marcados principalmente por um grande número de integrantes, os movimentos de rua, para Gohn (2011), são ações coletivas e sociais, de cunho sócio-político e cultural, que permitem à sociedade e à população diferentes formas de se organizar e apresentar suas demandas à classe política. Para isso, como forma de realização, os movimentos assumem diferentes táticas e metodologias variáveis, isto porque tais atos podem ir da simples denúncia, “passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações

etc.) até as pressões indiretas” (GOHN, 2011, p. 335).

Esta forma de apresentação seria uma esquematização canônica das manifestações. Mas, assim como a sociedade se transforma, os modos de expressão política vêm se transformando à medida que novas práticas integram à sociedade e permitem reinterpretções do espaço civil e de seus sujeitos. No século XX, é possível observar novos rumos para as mobilizações sociais no Brasil, o que confere a esses movimentos peculiaridades do cotidiano urbano, provenientes “das novas funções que passam a se concentrar nas cidades”, pois os meios de produção e o ritmo capitalista da cidade “orientará as ações e os conflitos que ocorrem no meio urbano” (GOHN, 2009, p. 59 – 60).

Nesse sentido, a Revista são paulo aproxima quatro movimentos das últimas cinco décadas, estabelecendo contrastes expressivos entre as quatro manifestações, apresentados ao leitor para que ele pudesse recuperar os referidos fatos. O marco histórico que coloca em dois extremos as quatro manifestações é o estabelecimento da Constituição, em 1988. As duas primeiras, de 1968 e de 1977, tinham como pano de fundo a repressão e a ditadura militar, enquanto as outras duas, de 1992 e de 2013, irromperam em um período transitório, já democrático e com alguns direitos assegurados pela Constituição.

Os eventos ocorridos em 2013 permitiram recordar as (quatro) manifestações ocorridas em outros momentos no país. Mais que isso: quanto mais os movimentos ganhavam força e destaque na mídia mais as comparações vinham à tona, naquele cenário contestador, a princípio, pelo aumento da tarifa do transporte coletivo, mas que tomou outros rumos. Novas pautas foram levadas às ruas, na voz dos manifestantes e estampadas em cartazes.

Além disso, com um “ar tecnológico” as *Jornadas de Junho* se apresentaram outra roupagem, em comparação às outras décadas. Como a sociedade,

hoje, se comunica pela Rede (CASTELLS, 2013), o *Facebook*, o *Twitter* e outras redes sociais na internet foram usadas como meio de divulgação e de organização dos atos, possibilitando (facilitando) o planejamento de estratégias possíveis para levar às ruas um grande número de pessoas.

Diante das teorias sobre o caráter empírico das manifestações, cabe salientar que, na Análise de Discurso, compreendemos as manifestações pelos efeitos de sentido advindos destes atos, enquanto acontecimento (histórico, midiático e/ou discursivo) colocado sob compreensão e interpretação: são atos para se *falar* e para serem *falados*. As manifestações, como atos a serem lidos, são interpretadas pelo jornal que as faz significar pela “constituição, a formulação e a circulação” (ORLANDI, 2001, p. 150) dos discursos sobre elas.

Por isso, neste trabalho, não nos interessa os sujeitos empíricos na rua, mas o modo como a mídia os enuncia. Orlandi (2001, p. 153), ao falar sobre o discurso de divulgação científica, mostra que “o jornalista científico ocupa uma posição-sujeito específica determinada que não resulta de mera soma, nem substituição”, pois “[...] é preciso que se produza um efeito metafórico pelo qual algo que significava de um modo, desliza para produzir outros efeitos de sentidos, diferentes”. Tal qual na divulgação de conhecimento científico, para falar sobre as manifestações, o jornal “[...] toma um discurso constituído em uma ordem e formula seu dizer em outra ordem [...]” (ORLANDI, 2001, p. 153). O discurso jornalístico passa a enunciar sobre política, sociedade e engajamento da instância cidadã.

O jornal e a edição *V de Vozes*, na revista *sãopaulo*

Mesmo se apresentando de uma forma mais “descontraída” em comparação ao jornal tradicional *Folha de S. Paulo*, pela abordagem, a princípio, de temas voltados à cidade, à cultura e

ao lazer, a Revista **sãopaulo** está regulada pelo discurso jornalístico ao qual está vinculada. Dessa forma, ela é também um discurso institucional, legitimado pelo veículo que a representa.

O discurso jornalístico (e midiático em geral) faz circular na sociedade sentidos naturalizados/institucionalizados, como uma consequência da imagem (validada) que projeta na sociedade de informar, relatar, e dizer, sempre, a “verdade”. Esse *status* do jornal reforça o “mito da informatividade”. Isso significa dizer que a forma como o discurso jornalístico é representado e se apresenta na/para sociedade sustenta a ideia de “uma linha fictícia” capaz de separar informação e opinião (MARIANI, 1999, p. 51).

Ao saber e poder dizer algo, “as leis de imprensa passam a prescrever o que pode e o que não pode ser dito” (MARIANI, 1996, p.83). O poder de dizer algo, na prática jornalística, se torna ainda mais reconhecido quando a Constituição Federal assegura a Liberdade de Imprensa, tornando sólida a proibição da censura dos meios de comunicação.

Nesse ponto, a tradição e a circulação do jornal são, sobretudo, fundamentais para explicar a legitimação e a aceitação de determinado veículo midiático na sociedade. É o que observamos no caso do jornal *Folha de S. Paulo*, um dos mais antigos e com maior circulação na cidade de São Paulo e no país, contando as versões impressa e digital.

A Revista **sãopaulo** é parte do jornal *Folha de S. Paulo* e é publicada aos domingos. A edição, tomada para análise, circulou entre os dias 23 a 29 de junho de 2013. Além de notícias em geral sobre a cidade, a edição *V de Vozes* dedicou um capítulo para falar sobre as manifestações de 2013, recuperando, para isso, outras quatro manifestações de rua que marcaram a história do país.

O *design* da capa da Revista **sãopaulo** foi montado a partir de frases levadas às ruas em cartazes pelos manifestantes, umas ligadas às outras desenhando, ao fundo da página, um espiral,

enquanto que o título *V de Vozes*, em vermelho, ocupou o centro da capa. A letra “V” aparece envolvida por um círculo, à estética empregada no símbolo da HQ e do filme *V de Vingança* (*V for Vendetta*).

Para “abordar” as quatro manifestações de rua (1968, 1977, 1992 e 2013), a revista usou como recurso uma espécie de infográfico, marcado pela distribuição das características das manifestações em categorias, em uma tentativa de aproximá-las. À primeira vista, o modo de organização textual utilizado em tal seção na revista indica que os movimentos são equiparados, como se na essência houvesse realmente semelhança, em termos concretos, entre eles. É o saber discursivo sobre manifestações “que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito, que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2003, p. 31).

Demarcando o corpus, compreendendo sentidos, indagando interpretações

Dentre as seções de *V de Vozes*, dedicado à abordagem das manifestações de 2013, a investigação proposta se debruça no capítulo *V de Versões*. Cada uma das quatro páginas da seção que integra nosso material de análise refere-se a uma manifestação de rua, em diferentes momentos sócio-históricos. Há uma tentativa de categorizar manifestações de rua, demarcando supostas características e pontos comuns entre elas.

O recorte do material foi feito a partir da observação do funcionamento discursivo das regularidades no material de análise, colocando, de um lado, as categorias que se referiam às manifestações (em termos de organização) e, de outro, as que falavam sobre os manifestantes (em termos de apresentação). Feito isso, outro recorte fez-se necessário, considerando *quem eram esses manifestantes* (*Visual*), depois, *o que eles pediam/reclamavam* (*Slogans*) e, por fim, *como se manifestaram*

(*Ferramentas*), a fim de compreender como as categorias vão deslocando e ressignificando os sentidos sobre manifestações de rua.

Observamos que, na materialidade linguística, as categorias das manifestações vão produzindo, pelo conjunto, uma negatização das manifestações mais recentes, ocorridas após o período de redemocratização, ao mesmo tempo em que compara os quatro atos públicos, materializando discursos que apontam para a perda de engajamento sócio-político por parte dos manifestantes. Ausência de compromisso essa que culmina nas *Jornadas de Junho*, como efeito de sentido.

Dispomos, a seguir, uma sequência discursiva de 12 recortes das categorias disponíveis na Revista **sãopaulo** *V de Vozes*, compreendendo *Visual* dos manifestantes, *Slogans* ou pautas levantadas nas manifestações e, por fim, *Ferramentas* que permitiram a concretização/realização dessas ações públicas. Por meio do movimento analítico desses recortes, investigamos o funcionamento das versões que se colocam em funcionamento pela (in)visibilidade no discurso da Revista **sãopaulo**.

Recortes:

Recorte 1: Visual: (1968)

“Barba e cabelos compridos para os homens, além de calças curtas e jaquetas estilo militar, como as de Che Guevara.

Contra a opressão e a submissão feminina, minissaia, botas e peças masculinas, como calças compridas”

Recorte 2: Visual: (1977)

Pós-hippie e pré-punk. Calças boca de sino, tênis **Kichute**, Conga ou sandália de couro tipo carteiro e caneta no bolso da camisa. Costeletas, cabelo black power. (grifo do jornal)

Recorte 3: Visual: (1992)

“Roupa preta, batom preto e tinta verde e amarela no rosto. Faixas com as inscrições “Fora Collor” e “impeachment” na testa, adesivos na roupa. Camisetas e calças jeans.”

Recorte 4: Visual: (2013)

“Lenços, camisetas ou máscaras para cobrir o rosto, mochila, bandeiras do Brasil, nariz de palhaço, bandana verde e amarela. Acessórios: máscaras de gás lacrimogêneo, óculos de natação, vinagre, **skate**, bicicleta” (grifo do jornal)

Recorte 5: Slogans de 1968:
“Sejamos realistas, exijamos o impossível”
“A imaginação no poder”
“Abaixo a ditadura”
“É proibido proibir”

Recorte 6: Slogans de 1977:
“Abaixo a ditadura”
“Ensino público e gratuito para todos”
“Liberdades democráticas”

Recorte 7: Slogans de 1992:
“Fora Collor”
“Impeachment já”
“Pela ética na política”

Recorte 8: Slogans de 2013:
#vempraruá
#ogiganteacordou
Não é só por R\$ 0,20
(Fulano) não me representa

Recorte 9: Ferramentas: (1968)
“Megafones e panfletos impressos em mimeógrafos. As convocações eram feitas por meio de cartazes colados nas ruas.”

Recorte 10: Ferramentas: (1977)
“Informavam-se pelos jornais, TV e rádio. A comunicação era feita pelos centros acadêmicos nas universidades, e os grupos percorriam as salas de aulas para avisar sobre as passeatas. O movimento dependia do corpo a corpo.”

Recorte 11: Ferramentas: (1992)
“Assembleias em universidade eram o principal meio de mobilização. A divulgação era feita por panfletos e no boca a boca. Nas ruas, megafones, faixas e pichação”

Recorte 12: Ferramentas: (2013)
“Manifestações noturnas”
Twitter, Facebook, SMS, Whatsapp, Instagram, uso de hashtags, transmissão de vídeo em streaming, hackeamento de sites”

Observamos, nesta sequência discursiva, duas manifestações ocorridas antes do período de redemocratização, período de ditadura militar (1968, 1977), e duas ocorridas após esse período (1992, 2013). Nas três categorias constituintes do *corpus*, *Visual*, *Slogans* e *Ferramentas*, verificamos que a forma como a revista materializa discursos a respeito das manifestações de 1968 e 1977 tece um perfil que as coloca como ações mais comprometidas e engajadas, em relação às mobilizações de 1992 e de 2013.

Na categoria *Visual* de 1968, observamos que o perfil dos manifestantes é descrito à semelhança de Che Guevara, símbolo revolucionário das

manifestações tradicionais da esquerda política, principalmente quanto ao modo como tal ícone se vestia: “Barba e cabelos compridos para os homens, além de calças curtas e jaquetas estilo militar, como as de Che Guevara” (*Recorte 1*). Estilo esse usado para descrever e, ademais, padronizar os homens. As mulheres manifestantes são retratadas por vestirem “minissaias, botas e roupas masculinas”, que, na visão da revista, são trajes “contra a opressão feminina” (*Recorte 1*).

É partindo do clichê que a Revista **sãopaulo** encontra recurso para tentar descrever uma manifestação de esquerda. Pelo funcionamento das regularidades, esses sujeitos, manifestantes de 1968, são significados no e pelo lugar-comum, associados a figuras de destaque na História ao se tratar de militância política. Se a representação desses manifestantes faz sentido é porque, de forma estereotipada, as figuras simbólicas com as quais foram associados ficaram marcadas no tempo e em um dado contexto histórico, por suas filiações e posições bem demarcadas na política de esquerda. Ao mesmo tempo em que relaciona os manifestantes com a figura de Che Guevara, a revista atribui a eles uma identidade (produto pronto, acabado) que sustenta a ideia do mito, intocável, incorruptível, não dissipado no movimento das décadas no imaginário social. Essa categoria, que apresenta o *Visual* dos manifestantes de 1968, aponta, nesse contexto, para a roupa significando atitude e posicionamento sócio-político.

Menos enfaticamente, em *Visual*, de 1977, há também um perfil tecido ao longo desta categoria, como observamos em 1968. Os detalhes das roupas descrevem os manifestantes de cima abaixo, mais que isso, os normatizam, como se houvesse apenas essa possibilidade de apresentação ou se todas as pessoas se configurassem dessa forma nas manifestações ocorridas nesse ano. No *Recorte 2*, o perfil deles é descrito como: “Pós-hippie e pré-

punk. Calças boca de sino, tênis **Kichute**, Conga ou sandália de couro tipo carteiro e caneta no bolso da camisa. Costeletas, cabelo black Power” (grifo da revista). Mesmo assim, as roupas dos manifestantes “retratadas” pela revista se ligam a ações políticas e culturais ocorridas no país, como, por exemplo, o movimento *punk*, que contou com militantes pela causa

Assim, nos atos de 1968 e 1977 a roupa é um elemento que traça um perfil (sólido e político) dos manifestantes. A categoria *Visual*, dessas duas décadas, é representada como uma alegoria, não só do estilo individual, marca, sobretudo, um modo de pensar, uma década x, e remete às principais características e transformações sócio-culturais de um período determinado. A mesma categoria nas outras manifestações, de 1992 e de 2013, não significa os sujeitos dessa forma: a revista gradativamente ofuscou suas faces e seus valores em meio a artefatos que, à primeira vista, parecem desconectados da causa política.

Em 1992, verificamos a recorrência e o destaque às cores, na categoria *Visual*, principalmente à cor preta, como observamos no *Recorte 3*: “Roupa preta, batom preto e tinta verde e amarela no rosto.” Não há mais um perfil traçado, como nas categorias das manifestações anteriores, com a descrição “dos pés à cabeça” dos manifestantes, mas, apenas, a referência de que eles se vestiam com “Camisetas e calças jeans”.

A forma como a Revista **são paulo** discursiviza sobre a categoria *Visual*, relativa a 2013, produz um efeito de maior distanciamento dos manifestantes em relação aos outros das outras épocas. Esse afastamento gradativo, culminante nas *Jornadas de Junho* materializa o apagamento dos sujeitos e de seus valores, ou seja, há um processo de coisificação desses sujeitos, que são, agora, representados pelos objetos que levam às ruas.

Assim, em 2013, não há mais perfil, não há mais ligação a movimento algum. A revista apenas

elencar objetos variados: “Lenços, camisetas ou máscaras para cobrir o rosto, mochila, bandeiras do Brasil, nariz de palhaço, bandana verde e amarela. Acessórios: máscaras de gás lacrimogêneo, óculos de natação, vinagre, **skate**, bicicleta” (grifo da revista), como observamos no *Recorte 4*. Como efeito de sentido, os objetos que simulam o retrato dos manifestantes de 2013 remetem, a todo o momento, à futilidade, superficialidade, como, por exemplo, o nariz de palhaço. Quando não remetem à banalidade, esses “acessórios” estão articulados às ações não pacíficas e ilegais. As camisetas e as máscaras para cobrir o rosto, retomam, pela memória, os *Anonymous* e os *Black Blocs*, grupos sempre representados pela mídia em geral de maneira negativa. Outro detalhe, nesta categoria, que chama a atenção, é a necessidade de acrescentar a palavra “acessório”, sendo que grande parte da categoria se resume em listar objetos usados pelos manifestantes. Além do mais, nas outras manifestações também aparecem acessórios em meio ao visual, mas que não são alvos de destaque na materialidade linguística.

Nesse caso, a revista trabalha com os sentidos estabilizados sobre o que é uma manifestação de rua. A memória discursiva é determinante para colocar esses dizeres em funcionamento, pois ela pode ser caracterizada como o mecanismo que, a partir de um texto, restabelece “os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÉCHEUX, 1999, p. 52). É a memória sobre manifestações tradicionais de esquerda impondo-se sobre os eventos de 2013, e produzindo discurso de confronto entre o que é estabilizado, em termos de mobilizações, e o que surge como novidade, em termos de manifestações.

Então, ao fazer um simulacro sobre manifestações de esquerda política, a revista vai, a cada uma das categorias, afastando e apagando

os sujeitos como agentes das manifestações. Em 2013, o foco recai para o movimento em sua particularidade, significado como um aglomerado disperso de pessoas que não se identifica com os estereótipos tradicionais da esquerda.

Por conta disso, a revista tenta estabilizar o movimento mais recente, utilizando, para isso, a representação de sujeitos opacos, que no fio do discurso noticioso foram sufocados pelo emaranhado de objetos dispersos. Esse modo de enunciar imputa às próprias manifestações a ideia de fugacidade própria do espaço digital e não adequação a um “movimento legítimo” de transformação da sociedade.

Todo o *corpus* está orientado por essa instabilidade do jornal (e da mídia) para com essas manifestações que rompem com a tradição, instaurada pela memória, e criam particularidades influenciadas, principalmente, pela *internet*. A comparação segue em todas as categorias, inclusive demarcando o que os manifestantes pediam nas ruas, por meio de pautas e *slogans*.

Nos anos de 1968 e 1977, a categoria *Slogans* aparece com frases estruturalmente elaboradas, aliás, obedecendo às regras, tal como prega a gramática tradicional: em 1968, “Sejamos realistas, exijamos o impossível”; “A imaginação no poder”; “Abaixo a ditadura”; “É proibido proibir”. Orlandi (1999, p. 62) aborda os lemas de 1968 como “enunciados que funcionam em suas relações parafrásticas, relacionando-se em suas diferentes formulações ao que pode significar “liberdade””. Em 1977, a Revista **sãopaulo** retoma os seguintes *slogans*: “Abaixo a ditadura”; “Ensino público e gratuito para todos”; “Liberdades democráticas” (*Recortes 5 e 6*). Por isso, é preciso traçarmos algumas considerações gerais a respeito do contexto sócio-histórico dessas manifestações.

Nas décadas de 1968 e 1977, o país vivia um período de ditadura militar; não se podia falar sobre os governantes e nem a respeito do regime de

governo do/no país. As instituições, jornais, escolas, artistas não tinham o direito de dizer e, ademais, eles tinham de dissimular a repressão a que toda a sociedade estava submetida. Por isso, as pessoas foram às ruas tentando (re)conquistar esse direito suprimido, exigindo a decadência da ditadura militar.

Além do mais, a Constituição Federal de 1988 assegurou à população algumas das demandas reivindicadas nas manifestações 1968 e de 1977, como “a universalização do ensino fundamental, a oferta obrigatória de educação infantil pelo Estado e o crescimento da oferta do ensino médio [...]”, e, em termos de direitos sociais: “saúde, educação, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados” (BRASIL, 2014, *online*).

Já em 1992, o principal impulso das manifestações foi quando Pedro Affonso Collor de Mello acusou Fernando Collor de Mello “de ser sócio de Paulo César (PC) Farias em negócios ilícitos para levantar recursos que custeavam gastos pessoais e campanhas políticas” (O ESTADÃO, 2014, *online*). Então, as pautas reclamavam “ética na política” e o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente eleito por eleições diretas após o Regime Militar no país. Assim, parte dos direitos reivindicados nas manifestações anteriores (1968 e 1977) havia sido assegurada pela Constituição Federal.

A estrutura das frases designando as demandas levadas às ruas, em 1992, se apresenta de maneira mais simples e menos subjetiva em comparação às apresentadas na categoria *Slogans* das outras manifestações de 1968 e de 1977, assim como aponta o *Recorte 7*: “Fora Collor”; “Impeachment já”; “Pela ética na política”.

Em 2013, verificamos a maioria dos *slogans* relacionados à internet com o símbolo “#” (*hashtag*) marcando a influência e a presença das redes sociais nas manifestações. Esses mesmos *slogans* também foram usados pela publicidade, por marcas de carro e de bebidas, antes das manifestações. Outro *slogan*

“selecionado” pelo jornal é o “não é por vinte centavos”, que faz alusão ao motivo inicial das manifestações, o aumento de R\$ 0,20 da tarifa de transporte coletivo.

Passando para a categoria *Ferramentas*, há sentidos que seguem a mesma orientação das outras, mostrando o declínio dos movimentos populares ao longo dos anos. As ferramentas apresentadas em 1968 e em 1977 apontam para eventos que exigiam dos participantes esforço e empenho, como observamos nos *Recortes 9 e 10*: (1968) “Megafones e panfletos impressos em mimeógrafos. As convocações eram feitas por meio de cartazes colados nas ruas” e, em (1977), “Informavam-se pelos jornais, TV e rádio. A comunicação era feita pelos centros acadêmicos nas universidades, e os grupos percorriam as salas de aulas para avisar sobre as passeatas. O movimento dependia do corpo a corpo”.

Na categoria *Ferramentas*, de 1992, o movimento aparece associado à pichação (1992), como verificamos no *Recorte 11*: “Assembleias em universidade eram o principal meio de mobilização. A divulgação era feita por panfletos e no boca a boca. Nas ruas, megafones, faixas e pichação”. Neste ponto, a presença da palavra “pichação” produz um efeito negativo, de descrédito, dessa manifestação, visto que essa prática é sempre entendida pela sociedade como um ato fora da lei, uma depredação do patrimônio público e privado. É aí que observamos a palavra estabelecer “relação com a exterioridade” (ORLANDI, 2003, p. 30), abrindo margens para sentidos plurais, que escapam.

Esse efeito de desvalorização das manifestações é ainda mais acentuado na categorização das *Ferramentas* utilizadas em 2013: “Manifestações noturnas, Twitter, Facebook, SMS, Whatsapp, Instagram, uso de hashtags, transmissão de vídeo em streaming, hackeamento de sites”. As redes sociais e as ferramentas da *internet* ocupam

quase todo o elenco de instrumentos utilizados nas manifestações. Além disso, a revista afirma que as manifestações eram noturnas, como uma tentativa de fechamento dos sentidos. Essas características, em termos de imaginário, têm por efeito refutar o caráter pacífico pregado nas manifestações. Esse efeito produzido pela materialidade linguística recupera a definição de Orlandi sobre o discurso, compreendendo-o como “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2003, p. 15), um sentido que não se fixa.

O aspecto que mais diferencia as *Jornadas de Junho* das demais manifestações é a presença da internet como principal meio de organização entre os manifestantes, que estão sempre no entre-lugar, divididos entre a internet e o espaço físico, visto que a internet possibilita a correlação entre o individual e o coletivo, local e global (CASTELLS, 2013, *online*). A partir da significativa mudança da sociedade e as ferramentas de comunicação, é possível observar o fato de que “nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo” (CASTELLS, 1999, p. 414).

Assim, com a era digital tornou-se possível participar das manifestações e ao mesmo tempo se comunicar com outras pessoas de outros locais, de outros movimentos. Além de ser possível, agora, nessa sociedade em que o virtual é constitutivo, acompanhar a reação/repercussão midiática, concomitantemente ao acontecimento dos eventos. Os movimentos são locais e globais ao mesmo tempo (CASTELLS, 2013, *online*). Temos, nesse contexto de 2013, uma “cultura da virtualidade real” (CASTELLS, 1999, p. 415).

Como afirma Castells (2013, *online*), a humanidade está conectada, e verificamos essa presença da Rede nas manifestações de 2013. Ademais, esse é um dos pontos determinantes que diferencia as *Jornadas de Junho* das demais

manifestações ocorridas no país nas outras décadas (1968, 1977 e 1992 e outras ocorridas no cenário brasileiro).

Os próprios cartazes levados às ruas divulgaram a participação e a influência das redes sociais, para organizar e mobilizar o movimento. Além dos símbolos das redes sociais estampados em cartazes, observamos também outra questão que também estabelece relação com a internet: o anonimato que a Rede é capaz de proporcionar. O espaço digital é protegido (CASTELLS, 2013, *online*). Nele, os sujeitos podem ser disfarçados (é o caso das páginas, que o responsável não fica visível para quem “curte” a página ou dos perfis *fakes*, em que os nomes usados são fictícios, como uma forma de preservação de identidade).

Essa mesma ideia da preservação da identidade também está presente nas manifestações de 2013, pela presença das máscaras do *Senhor V*, personagem protagonista da HQ e do filme *V de Vingança (V for Vendetta)*. Com a máscara, todos são tidos como iguais, não há, a princípio, liderança, e nem a necessidade de filiação a um partido político (tradicional).

Em razão dessa ideia, em que o apartidarismo se faz possível, o grupo *Anonymous* também faz uso da máscara, para se *des-identificar* do sistema político atual e se reconhecer como um movimento que se quer autônomo. O grupo afirma não seguir “partidos políticos, orientações religiosas, interesses econômicos e nem ideologias de quaisquer espécies,” por se considerarem “uma idéia” (ANONYMOUS, 2014, *online*).

Foi a partir desses postulados que as *Jornadas de Junho* ganharam fôlego como um movimento apartidário e sem líderes. *Senhores V's* que estão tentando exercer formas de democracia, violando o sistema. Eles saíram da internet e se normatizaram a partir de uma identidade que se queria comum a todos os manifestantes. Sem um líder, o controle torna-se mais custoso às autoridades (políticos,

policiais). Sendo essas outras maneiras de o povo se fazer ser ouvido pela classe que, simbolicamente, o representa: a política.

Essa outra maneira de se manifestar questiona as bases capitalistas da sociedade. Por esse e outros motivos, da posição discursiva de discurso institucional e de direita, a Revista **sãopaulo** não pode subsidiar esse tipo de movimento que vai contra o sistema político capitalista em vigor. Por isso, ao (re)contar as manifestações de rua ocorridas nas últimas quatro décadas no país, recontando cada um dos quatro eventos, a revista coloca em funcionamento sua própria versão, sendo as manifestações de junho referenciadas de maneira negativa.

A categorização utilizada pela Revista **sãopaulo** equipara aspectos gerais e físicos das manifestações, enquanto que o conjunto se coloca como efeito sobre as manifestações de 2013. Para Orlandi (2001, p. 73), “do ponto de vista textual, as versões são degradações”. Em todas as categorias há essa perda, gradual, em termos de conteúdo e em termos de sentidos, pela interdição e dispersão, tendo como base a representação estabilizada sobre o que é uma mobilização de rua, que circula na sociedade e o discurso jornalístico coloca em funcionamento.

A censura dos meios de comunicação é contestada pela Constituição, mas a censura, em termos de interdição no sentido que falta (ORLANDI, 1999) depende do que pode ou não ser dito em dado contexto, em dada circunstância. As condições históricas e ideológicas de produção fazem com que o discurso da Revista **sãopaulo** sobre as manifestações de 2013 signifiquem negativamente, dando visibilidade a traços “positivos” ou positivados em outras manifestações e interditando outros “negativos” ou negativados, e visibilizando características “negativas” sobre as manifestações de 1992 e, principalmente, nas de 2013. Em algumas manifestações, os “sentidos são

retomados e sustentam um efeito de negatividade [...]” (MARIANI, 1996, p. 127). Em outras, o olhar midiático interdita o que não se pode dizer sobre outras mobilizações, de forma que elas sejam configuradas com aceitabilidade pelo discurso jornalístico.

Considerações finais

Ao longo do *corpus* verificamos que, pelo conjunto apresentado na/pela revista, há deslize e negatização de sentidos, abrindo margens para outras interpretações a respeito de como a *Folha de S. Paulo* concebe as mobilizações de vários períodos. Como efeito-conjunto, emerge a “comparação” das quatro manifestações, o que funciona como um recurso para (des)caracterizar as *Jornadas de Junho*, por meio de uma gradação dos atos ao longo dos anos.

As quatro manifestações abordadas na/pela revista encenam uma suposta decadência gradativa dos movimentos sociais, seja em termos de cultura, organização e objetivos. Os manifestantes de antes (1968 e de 1977) são apresentados como subversivos no *corpus*, o que mostra uma postura política demarcada, de esquerda. Por isso, como efeito sentido, essas manifestações de 68 e 77 são representadas como legítimas, pois apresentam “motivos reais” para as pessoas saírem às ruas.

A Revista *sãopaulo*, ao falar sobre 1992, faz com que a ideia de segregação das causas políticas ganhe um esboço mais consistente - vestígios de dizeres que preparam o terreno para o afastamento derradeiro: os (des)encontros causados nas/pelas manifestações de junho de 2013. Essas, por sua vez, são negatizadas pela revista, pois não demandam o mesmo “trabalho” e “preocupação” para os manifestantes como em outras épocas, e são agora feitas de formas não legitimadas e tidas como ilegais.

A presença da internet, nas *Jornadas de Junho*, é exemplo disso: sendo ela a ferramenta que cumpre o papel de organização das manifestações, a ideia de gradação das manifestações é reforçada,

pois o espaço virtual é representado por uma suposta falta de engajamento material (e ativo) nas manifestações. Então, o que se coloca no jornal como uma “aproximação” entre as manifestações funciona também como um distanciamento entre movimentos de outros anos e de junho 2013.

A Revista *sãopaulo*, ao tentar explorar *versões* sobre manifestações de rua como sendo a “abordagem literal dos fatos”, “a verdade”, instaura sua *versão* sobre todos esses atos. Tendo como base as mobilizações tradicionais de esquerda política, questiona a *novidade* em relação ao que está *posto*, ao mesmo tempo em que significa tais eventos e os sujeitos neles envolvidos. Retomando Orlandi (2001), observamos que, em meio às versões possíveis, um sentido é, no meio dos outros, por uma articulação entre as condições histórico-ideológicas de produção e os dizeres em funcionamento na enunciação.

Por fim, os dizeres da *Folha de S. Paulo* (in)visibilizam sentidos pelos mecanismos de interditar e de autorizar: a interdição também coloca à vista e estabiliza outras interpretações, que são, sobretudo, a perspectiva do jornal (o que ele pode e deve dizer). Assim, a versão desse veículo midiático sobre as manifestações de rua é instaurada, pois, como diz Orlandi (1999, p. 59) “são os sentidos que impõem limites”.

Referências

ANONYMOUS BRASIL, 2014. Disponível em: www.anonymousbrasil.com. Acesso em: 15 fev. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 05 15 fev. 2018.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança**. Fronteiras do Pensamento, 2013.

Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/canalfronteiras/entrevistas/?16%2C68>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

_____. **A sociedade em rede.** Trad. MAJER, R. V. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FOLHA DE S. PAULO. **Conheça a revista são paulo.** Grupo Folha. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_a_revista_saopaulo.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2018.

GOHN, M. da G. Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. MG: **Revista Brasileira de Educação**, v. 16 n. 47, 2011.

MARIANI, B. **Discurso e instituição:** a Imprensa. In: **Rua** - Revista do núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Campinas: Unicamp, n.5, p.47-61, mar. 1999.

_____. **O comunismo imaginário:** práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 -1989). 1996. 256 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp: Universidade Estadual de Campinas, 1996. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000115692&fd=y>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

O ESTADÃO. **Há 20 anos, denúncia explosiva abria caminho para o impeachment de Fernando Collor.** Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2012/05/25/ha-20-anos-denuncia-explosiva-abria-caminho-para-o-impeachment-de-fernando-collor/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In ACHARD, P. et all. **O papel da memória.** Campinas-SP: 1999, p. 59

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: Achard, P. et al. **Papel da memória** (Nunes, J.H., Trad. e Intr.). Campinas: Pontes, 1999, p. 49 – 56.

_____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PIMENTEL, R. M. L.. **Versões de um ritual de linguagem telejornalístico.** 2008. 368 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000436880&fd=y>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

REVISTA SÃO PAULO. **V de vozes:** v de versões. Jornal Folha de S. Paulo, 23 – 29 de junho de 2013. Disponível em: <acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2018.

Submissão em: 03 de março de 2018

Aceite em: 08 de julho de 2018.